

**ANDRADE, GÊNESE (ORG.).
MODERNISMOS 1922-2022. SÃO PAULO:
COMPANHIA DAS LETRAS, 2022.**

A LIÇÃO DOS AMIGOS

THE FRIENDS LESSON

Eder da Silveira¹

Eventos e publicações comemorativas são muito mais comuns à agenda dos meios de comunicação e do poder público do que ao ritmo das pesquisas acadêmicas. Historiadores e cientistas sociais, mesmo aqueles que buscam ser heterotópicos e não pautam as suas pesquisas pelas efemérides, acabam, muitas vezes, sendo chamados a se manifestar sobre temas afeitos ao seu trabalho.

Muitas dessas celebrações, dado o seu conteúdo político, ensejam intensa disputa narrativa e simbólica em torno da história e da memória. Nas últimas décadas, efemérides como os 500 anos da conquista do Brasil pelos europeus e o bicentenário da transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro, criaram uma arena pública onde se digladiaram críticos e apologistas desses momentos da nossa história. Enquanto escrevo, nos encontramos imersos nos debates em torno do Bicentenário da Independência do Brasil e do Centenário da Semana de Arte Moderna.

¹ Departamento de Educação e Humanidades, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Brasil: <jesuiseder@gmail.com>.

Esta última, em particular, é um campo pródigo para pensarmos sobre o uso das efemérides como estratégia de visibilidade e da memória como narrativa orientadora para a escrita da história. Desde a escolha do ano de 1922, que incluía a Semana de Arte Moderna na agenda de comemorações do Centenário da Independência, passando pela criação de revistas, manifestos e das “memórias” da “gesta paulista”, pouco do que aconteceu envolvendo o Modernismo brasileiro foi casual. Um evento com o objetivo de colocar o bloco modernista de São Paulo na rua, reunindo vários nomes das artes e das letras brasileiras que estivessem sintonizados com o que se chamava então de arte moderna ou arte de vanguarda, vinha sendo pensado desde meados dos anos 1910 (SIMIONI, 2016).

Assim como o lançamento da *Semana* passou por uma estratégia de consagração dos seus atores, a memória dos três dias de evento, cujo palco foi o Teatro Municipal de São Paulo, também foi objeto de uma intensa disputa discursiva. Poucos acontecimentos na história da cultura brasileira foram tão sobejamente “memorializados” como a Semana de Arte Moderna de 1922. Rapidamente, os seus principais atores perceberam que havia ali um legado, cujas formas de narrar deveriam ser parte de uma disputa. A cada uma das primeiras três décadas posteriores à *Semana*, algum dos seus principais líderes era convocado a deixar as suas impressões e guiar os passos dos futuros historiadores do evento, o que chamei algumas linhas atrás de “memória orientadora”.

O cinquentenário da Semana de Arte Moderna foi um momento decisivo de consagração acadêmica do tema. Ali, em especial a partir do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, surgiram inúmeros estudos monográficos, em um esforço coordenado de esquadrihar pontos estratégicos do legado da *Semana*. Ao lado da publicação das obras completas de Oswald de Andrade, em curso pela editora Civilização Brasileira, vinham a lume obras como “Brasil: 1º tempo modernista” (BATISTA; LOPEZ; LIMA, 1972), importante reunião de textos de época dos nomes de mais relevo na construção do Modernismo, assim como um conjunto expressivo de estudos e publicações sobre as diferentes revistas modernistas (NAPOLI, 1970; LARA, 1971 e 1972; CACCESE, 1971; DIMAS, 1983; GUELFY, 1987).

O centenário da Semana de Arte Moderna não foge à regra. Muitos trabalhos foram e ainda estão sendo publicados, os polemistas de ocasião aproveitaram para aumentar a sua exposição midiática e, é claro, muitos trabalhos sérios ganharam divulgação neste momento,

dentre eles, *Modernismos 1922-2022*, organizado por Gênese Andrade, com a participação de Jorge Schwartz como consultor. Andrade, logo nas primeiras páginas da obra, enfrentou a noção de efeméride e procurou situar a coletânea de ensaios, ora em tela no nosso tempo, nos debates que a cercam. Segundo ela:

Inescapavelmente, as efemérides revivem os fatos, reavaliam-nos, põem-nos em xeque e os festejam, e o autoritarismo que marcou o cinquentenário do evento, sob a sombra da ditadura, novamente nos abate em um cenário de retrocesso político jamais previsto por aqueles que lutaram pela volta da democracia e menos ainda por aqueles que cresceram desfrutando desta conquista (p. 7).

Como o cinquentenário da Semana de Arte Moderna foi celebrado em um dos períodos mais violentos da Ditadura Militar no Brasil, era natural que muitos dos seus estudiosos exacerbassem o caráter libertário de alguns dos seus atores mais importantes, como Oswald de Andrade. Por outro lado, o centenário tem como marca uma revisão profunda do legado da Semana de Arte Moderna. Hoje, ela é interpretada pelo prisma de uma agenda acadêmica e política de temas emergentes, tais como gênero, sexualidade e identidade. Segundo Andrade, neste “contexto da reivindicação das minorias e da representatividade, as ausências e silêncios falam mais alto nas reflexões do século XXI sobre a semana e seus desdobramentos” (p. 9).

Dentre outras características que eu gostaria de destacar na obra, a primeira é a sua abertura para esse quadro de novos problemas de pesquisa envolvendo o legado da Semana de Arte Moderna e do Modernismo no Brasil. É indiscutível e louvável a ambição de oferecer um balanço amplo daquilo que se produziu sobre o Modernismo no Brasil nas últimas décadas, e a organizadora procura fazê-lo em uma obra de proporções superlativas: 29 autores, distribuídos ao longo de 824 páginas.

A estratégia de montagem do elenco de autores me parece bastante interessante e digna de nota. Os fundadores das pesquisas acadêmicas sobre o Modernismo, nomes como Antônio Candido de Mello e Souza, Décio de Almeida Prado e Gilda de Mello e Souza, são representados na obra por alguns dos seus discípulos mais notáveis, como Walnice Nogueira Galvão, Maria de Lourdes Eleutério, Maria Augusta Fonseca e José Miguel Wisnik. Estes, por sua vez, estão ao lado de uma nova geração de pesquisadores, muitos dos quais foram seus alunos e orientandos. Dessa forma, três gerações de pesquisadores do Modernismo paulista

estão presentes na obra. Sobre esse ponto, acho que é importante anotar ainda algumas questões.

Na apresentação da obra, a organizadora decidiu encimar o seu texto com uma citação de Jorge Schwartz, o presente-ausente do volume, uma vez que é o seu como consultor e comparece com um texto de orelha, no qual insiste na pluralidade temática que, segundo ele, “só é possível hoje, após cem anos da Semana de Arte Moderna”. A passagem de Schwartz, tal como citada pela organizadora, é esta:

O Brasil teve “Modernismos” multiplicados por todo o país, ora para fazer coro com os paulistas, como tentativa de sintonização com a “nova sensibilidade”, ora para se contrapor, como foi o caso das correntes nacionalistas [...] o caráter altamente programático da Semana deu aos princípios modernistas uma sólida base de projeção histórica (SCHWARTZ *apud* ANDRADE, 2022, p. 7).

O trecho inteiro, tal como escrito por Schwartz no prólogo à segunda edição de *Vanguardas latino-americanas*, importante antologia dos textos e manifestos dessas vanguardas está assim:

Além destas alianças inalienáveis entre o estético e o ideológico, entre o nacional e o cosmopolita, entre o centro e a periferia, o Brasil, diferentemente de boa parte dos nossos vizinhos hispano-americanos, teve “Modernismos” multiplicados por todo o país, ora para fazer coro com os paulistas, como tentativa de sintonização com a “nova sensibilidade”, ora para se contrapor, como foi o caso das correntes nacionalistas divergentes dentro das próprias fileiras paulistas (Plínio Salgado especialmente) ou do grupo do nordeste, representado com força por Gilberto Freyre. Não surpreende a tentativa mariodeandradina de “abrasileirar o Brasil” e de desregionalizar o projeto modernista: “um dos meus interesses foi desrespeitar lendariamente a geografia e a fauna e a flora geográficas. Assim desregionalizava o mais possível a criação ao mesmo tempo que conseguia, o mérito de conceber literariamente o Brasil como entidade homogênea um momento étnico, nacional e geográfico [sic]”, afirma Mário em um dos prefácios para Macunaíma. Somado a esses fatores, o caráter altamente programático da Semana deu aos princípios modernistas uma sólida base de projeção histórica (SCHWARTZ, 2008, p. 24).

A passagem inteira, sem os cortes de Andrade, além de ser obviamente maior, é mais explícita em algumas das intenções percebidas pelo autor naquilo que ele chama de “projeto modernista”, não explicitado na passagem tal como apresentada pela organizadora de *Modernismos 1922--2022*. Na passagem de Schwartz, fica mais evidenciado o modo como ele entende o pêndulo dos modernistas entre o oficialismo das comemorações do centenário da independência e a criação do PCB, ambos os eventos ocorridos em 1922. Ademais, “Modernismos”, grafado

entre aspas, no corte de Andrade sugere uma pluralidade (seriam muitos Modernismos no Brasil). A passagem completa pode ser lida como uma relativização desse Modernismo feito fora de São Paulo, portanto, nem tão moderno assim. A passagem completa, além disso, deixa mais explícita a ideia de que existe a régua do Modernismo paulista e as suas derivações regionais, diversidade que deveria ser extinta no ambicioso projeto mariano de “abrasileirar” o Brasil.

Em alguns momentos do texto de apresentação, Gênese Andrade procura reforçar o caráter plural e múltiplo da obra, todavia, um olhar atento sobre ela reforça a ideia de que o Modernismo ou a arte moderna brasileira tem como centro irradiador São Paulo, seja na criação artística da época, seja na produção acadêmica atual. O livro, como já mencionado, conta com vinte e nove autores, sendo onze mulheres e dezoito homens. Desse conjunto, vinte e três fizeram toda ou parte de sua formação acadêmica em São Paulo, sendo vinte na Universidade de São Paulo (USP), dois na Universidade de Campinas (Unicamp) e um na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Os demais se dividem em três autores do Rio de Janeiro, um autor de Minas Gerais e dois de universidades do exterior. Dos cariocas, um é escritor sem vínculos acadêmicos, o mesmo caso do mineiro. Levando-se em conta a atuação profissional, o quadro não se altera muito, uma vez que vinte autores atuam no meio acadêmico paulista. Dos demais, temos um autor que atua no Rio Grande do Norte, dois que atuam no Rio de Janeiro e um no Ceará. Os cinco autores restantes, como já mencionado, ou não são professores ou atuam no exterior.

É possível ver como esse desequilíbrio regional se refletiu em um desequilíbrio temático da obra. Apenas dois ensaios refletem integralmente sobre aspectos do Modernismo fora de São Paulo, sendo um deles “Vislumbres modernistas no nordeste dos anos 1920: dos eventos às publicações”, de Humberto Hermenegildo de Araújo, e “No meio do caminho”, de Luiz Ruffato, ensaio no qual o autor afirma, logo nas primeiras linhas, que, para “compreender a importância e a extensão do ideário propugnado pela Semana de Arte Moderna de 2022, precisamos nos deslocar do núcleo original de São Paulo e observar seus desdobramentos no restante do Brasil naquele momento” (p. 349). Descontados esses dois artigos, os demais Estados figuram como exemplos ou objeto de algumas análises, sempre guiados pela ideia de que arte moderna brasileira nasce

em 1922, fruto da façanha dos paulistas. A partir dessa origem, são estabelecidas as alianças e as dissidências do movimento modernista.

Insistindo um pouco mais na análise dos temas elencados pelo livro, devemos considerar que os três eixos fundamentais da Semana foram: a literatura; as artes visuais (pintura, escultura e arquitetura); e a música. Partindo desses três campos, vemos que a literatura e as artes visuais foram melhor representadas na obra resenhada, contando com cerca de sete ensaios cada. À música coube apenas um capítulo, de autoria de José Miguel Wisnik, um dos veteranos desse time de autores. Para além desses três campos temáticos, que poderíamos chamar de canônicos, ou mesmo em diálogo interdisciplinar com eles, é preciso destacar a presença de balanços historiográficos, como aqueles apresentados por Kenneth David Jackson em “As molduras do Modernismo”; Elias Thomé Saliba em “1922: o evento Vesúvio e os tempos renegados”; “Memórias do Modernismo”, de Gênese Andrade; e, ainda, “Modernismo brasileiro: crítica literária pioneira”, de Maria Augusta Fonseca, abordagens esperadas e bastante desejáveis em uma obra dessa natureza.

Outros temas que chamam a atenção, alguns deles menos usuais em balanços históricos sobre o Modernismo, são estudos sobre a urbanização de São Paulo e as suas relações com os modernistas; sobre as diferentes formas de sociabilidade encetada pelos modernistas, seja entre si nos diferentes salões e confeitarias, seja com a rede de mecenato paulista; revistas literárias; moda; *design* gráfico e estética.

Merecem destaque os ensaios que procuraram apresentar perspectivas mais críticas à Semana por meio de uma ampliação temática e teórico-metodológica. Lilia Moritz Schwarcz – que sabemos, pelos agradecimentos, ter encomendado a obra a Jorge Schwartz, pensada originalmente como um “Dicionário do Modernismo” –, procura analisar o tema do racismo nas obras modernistas em “O negrismo e as vanguardas nos Modernismos brasileiros: presença e ausência”. O tema do artigo é de vital importância para aqueles que desejam repensar aspectos incômodos da história recente da cultura brasileira, ainda que ele peque em sua fatura. Há uma diluição de temas já apresentados em outras obras da autora, em especial na biografia de Lima Barreto, tratado como um dos maiores representantes do silêncio dos modernistas com relação ao escritor negro, cuja voz representaria as margens daquela época de entusiasmo com relação ao progresso.

Além de causar essa sensação de *déjà vu* em seus leitores mais fiéis, Lilia Moritz Schwarcz comete um erro crasso na escrita do artigo, que reforça um pouco a impressão de bricolagem, como se as ideias fossem peças que vão sendo deslocadas entre diferentes artigos ou dentro do mesmo texto. Na página 307, a autora afirma:

Também no Rio de Janeiro, intelectuais e artistas reunidos nos cafés e bares locais tomaram a cidade como palco e desenvolveram uma literatura satírica e à sua maneira moderna e oposta ao academicismo. Esse foi, em primeiro lugar, o ambiente propício para o desenvolvimento do samba carioca – que contava com nomes como Pixinguinha, Caninha, China, Heitor dos Prazeres, João da Baiana, Sinhô – e para outras manifestações que representavam o adensamento de um pujante caldo cultural afro-brasileiro, incluindo-se os modernistas cariocas, que faziam parte do mesmo circuito (p. 307).

Pouco depois, na página 311, ao comentar o ambiente do samba e as disputas em verso em torno da autoria de “Pelo telefone”, a autora volta à carga e repisa a mesma ideia, praticamente nas mesmas palavras:

Irreverente, este foi o ambiente propício para o desenvolvimento do samba carioca – que contava com nomes como Pixinguinha, Caninha, China, Heitor dos Prazeres, João da Baiana, Sinhô – e para outras manifestações que representavam o adensamento de um pujante caldo cultural afro-brasileiro, incluindo-se aí os modernistas cariocas que frequentavam o circuito. (p. 311).

A despeito desses problemas de revisão, o texto é uma das iniciativas que se destacam na tentativa de discutir alguns aspectos mais críticos do Modernismo, como a desigualdade étnico-racial. Ao lado do artigo de Schwarcz, podemos colocar o ensaio “Jaider Esbell, Makunaimã e a cosmopolítica da Arte Indígena Contemporânea”, de Marília Librandi, assim como “Representação, representatividade e necropolítica nas artes visuais”, de Renata Aparecida Felinto dos Santos. O primeiro é uma provocativa leitura crítica das apropriações de elementos constitutivos das culturas indígenas brasileiras, como a Antropofagia e Macunaíma, pelo olhar de intelectuais e artistas indígenas, como Ailton Krenak e Jaider Esbell. Já no ensaio de Renata Aparecida Felinto dos Santos, temos uma desafiadora leitura das representações do negro e do tema do primitivismo no Modernismo brasileiro, tomando *A negra*, de Tarsila do Amaral, como ponto de partida.

Como parte dessa leva de ensaios críticos à Semana, cumpre destacar aqueles que tomam o tema do gênero e da sexualidade como objeto de suas reflexões. Essa problemática atravessa vários dos capítulos do livro, como

aqueles que falam sobre as artes visuais e dão relevo a nomes – como Zina Aita e Regina Gomide Graz – que acabaram sendo esquecidos em vários dos mais importantes estudos sobre o tema. Em textos como “Elas eram muito modernas”, de Maria de Lourdes Eleutério e “As mulheres na Semana de 22 e depois”, de Regina Teixeira de Barros, a presença/ausência de mulheres, seja no processo de divulgação da arte moderna no Brasil, seja em seus estudos posteriores, é discutida com rigor. Além dos debates marcados por abordagens feministas, “A sexualidade de Mário de Andrade: a prova dos nove”, de César Braga-Pinto é uma leitura extremamente densa do tema da sexualidade de Mário de Andrade, suas figurações literárias e as diferentes formas pelas quais ela foi tematizada, seja por meio de *blagues* ou de silenciamentos, desde o momento em que seu nome assomou à cena cultural brasileira.

Diante das escolhas construídas ao longo das décadas de produção acadêmica e ensaística sobre a Semana, que acabaram por praticamente apagar nomes como Zina Aita e Regina Gomide Graz, a presente obra surge como uma reabilitação delas. Da mesma forma, ela também ajuda a recolocar o nome de Vicente do Rêgo Monteiro em discussão. Artista visual e poeta de atuação intensa nos anos 1920, possivelmente o único a ter uma carreira internacional, Rêgo Monteiro acabou se afastando do grupo modernista original. Passados alguns anos, o seu nome passou a ser incômodo, seja em função de suas idiossincrasias, seja em função de sua guinada política à direita.

No entanto, se *Modernismos 1922 – 2022* traz à luz nomes obscurecidos na história do Modernismo, acaba por apagar outros aspectos do movimento, que podem ser considerados menos admiráveis. Chama a atenção a ausência de estudos sobre a vertente nacionalista de direita do Modernismo, encabeçada por Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia, Plínio Salgado e Cândido Motta Filho. Há uma importante vertente de estudos sobre o tema, iniciada por Gilberto Felisberto Vasconcellos e Antonio Arnoni Prado, a qual não foi contemplada na obra.

Ao lermos uma obra dessa envergadura, é absolutamente natural que algumas das escolhas dos seus organizadores nos pareçam discutíveis e deslizem sejam percebidos. Não os apontar seria trair alguns dos princípios mais elementares, aprendidos com figuras centrais do Modernismo paulista, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade. O que parece indiscutível é que *Modernismos 1922-2022*, de Gênese Andrade, vem a lume para se tornar uma referência no debate sobre a arte moderna

brasileira, além de ser um importante mapa para aqueles que desejam conhecer um pouco melhor a cartografia da centenária Semana de Arte Moderna e de seus desdobramentos.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Marta Rossetti; LOPEZ, Telê Porto Ancona; LIMA, Yone Soares de. *Brasil: 1º tempo modernista, 1917/29*. São Paulo: IEB, 1972.
- CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa: contribuição para o estudo do Modernismo*. São Paulo: IEB, 1971.
- DIMAS, Antônio. *Tempos eufóricos: análise da Revista Kosmos*. São Paulo: Ática, 1983.
- GUELFY, Maria Lúcia Fernandes. *Novíssima: estética e ideologia na década de vinte*. São Paulo: USP, 1987.
- LARA, Cecília de. *Nova cruzada: contribuição ao estudo do pré-Modernismo*. São Paulo: IEB, 1971.
- LARA, Cecília de. *Klaxon e Terra Roxa: dois periódicos modernistas de São Paulo*. São Paulo: IEB, 1972.
- NAPOLI, Roselis Oliveira de. *Lanterna verde e o Modernismo*. São Paulo: IEB, 1970.
- PRADO, Antonio Arnoni. *1922: itinerário de uma falsa vanguarda*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas. Polêmicas, manifestos e textos críticos*. 2. edição. São Paulo: Edusp, 2008.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação. *Perspective [on-line]*, n. 2, 2016, pp. 1-38. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/perspective/5539>>. Acesso em: 29 maio 2023.
- VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *Ideologia curupira. Análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

Recebido: 9/3/2022

Aceito: 23/4/2023

Publicado: 19/7/2023